



ARTE COMO REVOLUÇÃO Lisa França¹

O prestígio da professora da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (UFG), Carmelinda Guimarães, levou-nos a participar do 14º Prêmio de Teatro Europa, realizado em São Petersburgo entre os dias 12 e 17 de abril de 2011. Foi uma experiência inesquecível aproximar-se desse tesouro cultural – o teatro – do qual somos herdeiros e também inspiração. Dos 15 espetáculos apresentados, quatro fizeram referências ao Brasil. E nenhuma delas, curiosamente, surgiu do grupo português Teatro Meridional, que apresentou duas peças: *Contos de Viagem*, baseado no imaginário do arquipélago de Cabo Verde, e *1974*, uma colagem das vivências de diferentes gerações – a que cresceu durante a ditadura, a que passou pela Revolução dos Cravos e a que surgiu depois da entrada do país na Comunidade Europeia.

O tributo maior feito ao Brasil veio do grupo The Theatre, da República Tcheca, que costurou sua mixagem de performances com o que eles chamaram de “ritmo e passos de danças herdados dos escravos brasileiros”. Utilizaram a música brasileira, sua melodia e percussão, para representar a extrema liberdade que buscavam em cena, apoiando-se no ritmo brasileiro como uma atuação de insurgência contra a submissão, no espetáculo *Farm in the Cave*, e, como exemplo de expressão, na representação *The Journey*.

¹ Psicanalista, doutora em Comunicação Social pela Universidade Autônoma de Barcelona. Professora associada da Universidade Federal de Goiás, coordenadora da pesquisa em Cinema e Psicanálise em Teoria da Imagem e membro do Corpo Freudiano de Goiânia – Psicanálise e Transmissão. E-mail: <lisafranza@uol.com.br>.



As outras referências vieram do teatro russo, que colocou o Brasil como um destino da emigração russa no século XIX, na parábola *Honey*, que reflete sobre a beleza e a tragédia do viver, numa inspirada prece de gratidão e consagração à vida narrada pelas impressões de dois irmãos aldeões que acompanharam o florescer e a decadência de sua aldeia; e do Teatro Nacional Finlandês, em *Mr. Vertigo*, em que a referência ao país surge como um cenário de modernidade e possibilidades criativas.

Se essas manifestações afagam o ego, não faltam referências para nos humilhar na constatação da distância que mantemos na valorização e presença da arte na nossa cultura. São Petersburgo, a cidade escolhida para a mostra destinada a jornalistas, críticos e representantes de produtores e financiadores da política europeia para arte, tem 80 teatros em funcionamento. A cidade de 4,6 milhões de habitantes deve sediar, mais uma vez, o Grande Prêmio de Teatro Europa, porque, segundo o presidente da organização, Jack Lang, ministro da Cultura da França durante o governo de Mitterand, é muito trabalhoso organizar a mostra a cada ano em um país diferente.

Quando o Grande Prêmio foi criado em 1986 como um projeto piloto da Comissão Europeia, as mostras aconteciam na Grécia em homenagem ao berço do teatro europeu. Porém, depois de nove anos de realização na cidade de Taormina, a mostra iniciou uma carreira itinerante e a X edição realizou-se em Turim, Itália. As XI e XII voltaram para a Grécia, mas na cidade de Thassaloniki. A XIII foi para Wrocław, na Polônia, como parte da celebração do Ano Grotowski, declarado pela UNESCO como um tributo a Jerzy Grotowski (1933-1999), criador do teatro pobre.

O júri desta XIV edição foi presidido por Franco Quadri, crítico do *La Repubblica*, periódico italiano, e contou com mais 16 integrantes, 15 de diferentes países da Europa, e Yun-Cheol Kim, da Coreia do Sul. Kim é conselheiro da Associação Internacional de Críticos de Teatro, professor da Universidade das Artes em Seul e crítico do jornal sul-coreano *Dong a dily*. Os prêmios são de 60.000 euros e concedem-se a indivíduos ou grupos e companhias que se destacaram na excelência e missão de promover e inovar o teatro. Não são os espetáculos que são premiados, mas o trabalho individual ou em grupo. Muitos dos candidatos esperaram anos pelo prêmio e o que está em julgamento é muito mais uma carreira dedicada à arte.

Um dos premiados deste ano foi Peter Stein, um ícone do teatro europeu, considerado um dos mais importantes criadores germânicos da contemporaneidade. Stein fez uma *performance* na noite de encerramento de um monólogo de *Fausto* (J.W. Goethe), acompanhado ao piano por Arturo Anecchino. O público pôde ver também um outro *Fausto* em uma mega-produção do grupo islandês premiado, *Molodezhny Theatre on Fontanka*, ambientado em um Lar de Idosos, onde um velho ator representa para seus colegas pacientes. À medida que o espetáculo se desenrola, vão levantando-se dos seus leitos e cadeiras de rodas para saltarem sobre a cabeça do público, protegidos por uma rede de trapezistas que ocupava todo o teto da sala. Uma belíssima produção e uma das mais espetaculares, rivalizando-se com uma montagem vanguardista de *Metamorphosis*, de Kafka, do mesmo grupo e do mesmo diretor islandês, Gisli Örn Gardarsson.

Apesar do predomínio de espetáculos com novos autores, além de Kafka e Goethe, os russos homenagearam a Nikolai V. Gogol, numa produção que, além da obra, buscava o mártir, o escritor atormentado por seu compromisso cristão, e a Anton P. Chekhov, em uma grande e belíssima produção, *Três Irmãos*, espetáculo que havia sido premiado na VIII edição do Grande Prêmio e que retornou como convidado para as apresentações deste ano.

Dois grupos russos estavam entre os premiados, o Taganka Theatre, de Moscou, e o Alexandrinsky, de São Petersburgo, que é uma academia estatal de teatro muito respeitada em toda a Europa, a que apresentou Gogol. Também participou como entidade organizadora o Baltic House Theatre-Festival, da capital europeia russa. Os teatros escolhidos para as apresentações eram os mais belos e luxuosos da cidade, construídos por renomados arquitetos italianos e franceses no século

XVIII e XIX. Todavia, a organização colocou também os teatros mais modernos e, inclusive, um idealizado especialmente para o público infantil.

A vasta diferença entre as realidades da Europa do Leste e da Europa do Oeste emerge em suas representações teatrais. O trabalho do Leste ainda é marcado pela angústia da morte, dos grandes tormentos humanos da violência e do cerceamento de liberdades, enquanto que os grupos da Finlândia e Islândia trazem uma visão muito mais lúdica da vida. Mesmo na releitura de textos tão pesados, como *Fausto*, o grupo islandês trabalha com a beleza cênica e transforma o sofrimento humano em uma experiência profundamente poética.

No seu depoimento para a apresentação do Grande Prêmio, Jerzy Buzek, presidente do Parlamento Europeu, pergunta-se o que seria do mundo sem o teatro. E ressalta a importância desta arte para o diálogo entre os países de diferentes origens étnicas, entendendo a sua função de criar laços e pontes para a maior compreensão entre as culturas. Em uma Europa em que a guerra muito recentemente deixou de ser um valor, este esforço de fortalecer a união pela troca de expressões culturais, de forma simbólica, traz um alento civilizatório, como uma vitória contra a barbárie.

A beleza da arte está também no seu aspecto revolucionário. Arte mesmo não se deixa burocratizar. Tudo que vimos no palco era uma busca para o transcendental, tanto na inovação cênica como nos textos, a procura por novas formas de representações que consigam dar conta desta nova Europa, desta nova juventude que não tem mais o antagonismo político para alimentar seus ideais, mas que precisa, sim, de motivação para dar sentido às suas vidas, motivações que ultrapassam os apelos de consumo pasteurizado e insosso.

